

CANTANDO A TERRA MATO-GROSSENSE

Lélia Rita E. de Figueiredo Ribeiro

CANTO I - INTRÓITO

Intróito

Canto aqueles heróicos navegantes
Construtores do mundo moderno
Do rochedo Ibérico celebrados
Ao ultramar jamais conquistado
Timão firme em ondas revoltas
À força da fé d'airosa Armada
Abriram vias de humanidade e luz
Novo reino na terra de Santa Cruz

De coragem marmórea - os nautas
Descobridores lusitanos
Âncoras da história gloriosa
De Cristo domínios levantando
Terras matas rios devassaram
Com grande gênio e segurança
Para os incrédulos revelando
Vivo mundo cheio de esperança

Expandir a nova terra - Brasil amado
Que Pedr'Álvares Cabral descobrira
E Vasco da Gama o mar abriu
Entre disputas e Tratados foram
Os marcos do poder com ferro cravados
De norte ao sul de leste ao oeste infindo
Onde o sol se põe no ardente chão
Já se alevantara o céu ferindo

Canto ao fiel e tenaz bandeirante
De passado futuroso e fero
Pela edificação e conquista
Do santuário interior valoroso
De céu luzente paragem pura
Ásperos caminhos do mar distante
Virgem sertão bravo e aurífero
Quão prenhe de formosura
Espalharei por todos os quadrantes
Da terra mato-grossense - a memória
Homens e mulheres suas lutas
Seus árduos labores e glória
Estendendo suas vidas com amor

E inusitada paixão pela terra
Sacudiram-na c'os ventos bramindo
Furor santo de vê-la sempre bela

A Euterpe Deusa da Música e do Olimpo
Musa altaneira que eufemisa co' a lira a dor
Vicissitudes cansaços e enganos do mundo
Ajuda-me a cantar mesmo chorando
D'alma os mistérios e alegrias
Herança sem preço que a chama acende
E faz vibrar o silêncio infinito
Sob o negrume do oceano profundo

Canto às Tágides na Torre de esplendor
De Belém em Camões puseram
Sagrada fama aos versos da conquista ousada
Que deixem passar o báculo canoro
Às ninfas das águas que aqui ordenam
Fazendo moer neste rústico engenho
Reverência à arte da celebrina mente
E do sertão o heróico desbravador

Navegando neste barco sigo cantando
Do Paraná ao Paraguai Miranda ao Cuiabá

Anhanduí Pardo ao Coxim Formoso e
Taquari
Do Tietê ao Guaporé Aquidauana e Piquiri
Mesopotâmias de excelsas águas e cor
Morada do sol do selvícola amigo
D'ouro das vertentes flora fauna e gentes
A este peito aberto emprestem valor

CANTO - II - A DESCOBERTA

1. Homens ao Mar

Içando âncoras ao velho e honrado Tejo
Velas postas ao vento brando e seguro
Ferindo o azul do céu como gaivotas reais
Partiram as naus com destino às Índias
No fiel da bússola o lume da esperança
Lançaram-se os homens ao mar sem
tardança
Sob a égide de D. Manuel - o Venturoso
E de D. Henrique de Sagres o lendário
Infante

Escusado mencionar os pretextos
De se meterem Caravelas n'água
Posto que o achamento da Nova Terra
Das gerações lusas é a glória
Que jaz a sombra da memória
De Cabral e seus companheiros
Que os séculos vão iluminando
Enquanto as idéias vão se apagando

Álvares Cabral - Senhor de Belmonte
Dessa aldeia lusa filho ilustre
Alcaide-Mor de Azurara nobre gente
Com ele soberana e forte
Por aumentar a terra mais que antes
Levando as naveas e seus mandados
Entre calmarias e tempestades
A um porto seguro e salvos

São Pedro e Anunciada barcos da esquadra
chefeados pelos lemes afamados de
Nicolau Coelho Vasco d'Ataíde e outros
Célebres pilotos Bartolomeu Dias
Aires Correia Sancho de Tovar e Miranda
Enfrentaram aventuras audaciosas
N'alma a crença de um Adamastor¹
Gigante dos mares sem temor

CANTO - II - A DESCOBERTA

2. Terra à Vista

Terra à vista! Terra à vista!
Vinte dois de abril de 1500
Eis a Boa Nova anunciada: Um grande
monte!...
Ao qual o Capitão chamou Pascoal
Outras serras mais baixias ao sul
Terra chã com imensos arvoredos
Vera Cruz! Vera Cruz! carismático chamou
Donde lançar prumo e âncora mandou

Nas ondas do negro mar Vasco d'Ataíde
Desaparecera para nunca mais
O Capitão fez diligências em vão
Tristes e alegres da terra viram sinais
Aves ervas compridas boiando mar adentro
"Ali ficamos toda aquela noite"...
Na cabeça exultante a vitória
Corpo trêmulo batido pelo vento

Nicolau Coelho a mando do Capitão
Pisa solo firme por primeiro
A ver o estuário do rio ali desembocando
Viram homens que andavam pela praia
Homens rijos ao batel aportando
Com arco e flecha "vergonhas à mostra"
Nicolau fez sinal que os arcos depusessem
- A seus pés os depuseram

A Terra em si - meu Rei e Senhor
"É de muitos bons ares assim temperados"
Como os do Douro e Minho em abril o são
Cheia de arvoredos chã e graciosa
E a estender os olhos se vêem
Terras e árvores a perder de vista
E querendo-a fecundar dar-se-á nela
Tudo quanto se quiser lançar ...

O homem que cá está a resistir
"É a principal semente a salvar"
O melhor fruto nela a produzir
Fazer o que V.Alteza tanto quer
Nestes mancebos de ânimo valente
Bem afigurados porém moucos de saber
Pondo-lhes em sua barbarie o entendimento
"O acrescentamento de nossa Santa Fé"

CANTO II - A DESCOBERTA

3. Os Homens da Praia

Na maré cheia desta jornada vencida
Surgem na praia os homens destes Brasis
Mancebos de bons corpos e faces
Esbeltos como esculturas o são
Cabelos tosquiados corredios
Tosquia alta redonda além das tēmporas
Do poder e da nobreza do varão
Cocar de penas para distinção

Vestidos apenas de água e espuma
Afáveis dóceis quase inocentes
Puros como areia pelas ondas batida
Onde se poderia escrever um poema
Dúvidas dominam de parte a parte
Cobiçam ao colar d'ouro do Capitão
A fazer o navegador se interessar
Acenam para a terra e para o colar

A dois deles deram - lhes de comer
Pão e pescado mel e figos passados
Não quiseram daquilo quase nada
Também o vinho lançaram-no fora
Umhas contas de Rosário viram
Fizeram-se entender que lh'as dessem
À maneira de levá-las e ao colar
Não o podendo - na alcatifa dormiram...

Que perturbante abismo o desconhecido
Conhecer e não conhecer o homem amigo
Que homem sou eu ? que homem é ele?
Homens da praia Índios chamados
Pairam nas mentes perguntas delirantes
O homem da praia de beijos furados
Selvático e cortês amigo ou inimigo ?
Que pensariam dos brancos chegantes?

CANTO - II - A DESCOBERTA DO BRASIL

4. Primeira Missa e Posse da Terra

Domingo de Pascoela sob o azul do céu
Ao canto dos pássaros nas palmáceas
O verde das matas pintando o mar
Mandou o Capitão erguer soberbo altar
Para ouvir e louvar ao Senhor Deus
À Missa que Frei Henrique celebrou
Unindo o selvagem e o conquistador
Da terra firme posse segura tomou

Sob o olhar perplexo do gentil nativo
Os homens do mar de joelhos postados
A cruz beijaram e a paz se deram
Em preito de alegria ao gentio a entregavam
Bandos de papagaios e araras ali vieram
Com ruidosos sons nos céus os saudavam
Vegetação exuberante pelos rochedos protegida
Do desértico interior assinalavam

Ao movimento das naus da esquadra
Agora eram doze - uma perdida
Mais de mil homens convictos de fé ardente
Graças ao Senhor renderam contentes
E o vento soprando ligeiro batia
No casco das naus em ondas se erguia
Como espuma bravia do mar saudando

O dever dos nautas vitória acendida

Os reflexos lentos e contínuos das águas
Aos homens terra adentro remetiam
Olhando as trilhas que iam fundo nas matas
O rumo dos montes e rios seguindo
Ao sonho de conquista puseram certo atalho
Às sombras com calor desfazendo
O frio da manhã em doce orvalho
Beberagem que aos deuses festejando iam...

CANTO III - O INTERIOR

1. O Caminho: Lendário Peabiru

- Peabiru!... Peabiru!... - Que é isto !?
Que trabalho insano ! Quem o fez !?
O índio calmo respondia : Peabiru...
Peabiru: Caminho aberto trilha do sem fim
São Thomé - o mítico Apóstolo
Pelo nativo chamado Zamé ou Pay Sumé -
Engenheiro - obra divina construíra
Pregador - sua palavra fora de fé !

Galgando os portugueses a Serra do Mar
Em São Vicente - 1501 - já o encontraram
Longo lendário selvático Caminho
Eitão de oito palmos de largura
De pedras calçado definido transitado
Desfiado como raios de luz do alvorecer
Sobre o mapa das Américas mergulhado
Sistema Viário - ou obra do divino Ser?

O nativo despreocupado ia e vinha
Pelas matas as veredas trilhando
O rumo pelos galhos das árvores marcando
A buscar o alimento da sobrevivência
À espera de um novo mensageiro
Que viesse para o reconquistar
Descobrir nele o homem primeiro
A terra inteira capaz de dominar

Um fio infindo branco de praia
Molhado pelo Mar ilhado pela Serra
Eis o fôro e a prova do achamento
Daqueles que por isto tanto se afamaram
Penetrar o imponderável interior
Cativar o selvagem - catequizá-lo !
Idéias de conquista e glórias
Rondavam as pegadas da praia virgem

CANTO III - 2. A Rota do Peabiru - Unidade Ameríndia

Lusos e hispânicos com pés de milagre
Do lendário Peabiru houveram vista
Penetrando-o em busca do mistério
Do interior a vontade de conquista
Acelerando o calor da vitória
Peabiru - obrigatório se estendia
Ao poente do Paraná e prosseguia
Atingindo dos Incas o grande Império

Desde então a grande rota se definira
De São Vicente Upanema Morpion
Ou Tumiaru - o Porto assim também
chamado
Passando pela Fazenda de Botucatu
A São Miguel no Paranapanema descendo
Costuravam este rio pela esquerda
Santos Xavier e Inácio tocando e do Paraná
Ao Ivinhema até as nascenças deste subiam

Dai pé por pé terra mato-grossense
cruzando
Infinda Vacaria de pastagem verde
brilhante
Ao poente sempre com a luz de guia distante
O rumo do sol e da fartura grande abrindo
Às cabeceiras do formoso Igarai hoje Apa
De novo fluviais em canoas seguiam fundo
Do fabuloso Paraguai no remanso caindo
Além o Império e outro Mar mais
profundo...

Perlustraram - no homens de ousado valor
Aventurando-se nas sendas da ignota
solidão
A si próprios perguntavam com rara
percepção:
Pra que tanta estrada se não havia
transportador?
O que levara Pay Sumé tamanha obra
construir?
Unidade fé força divina ou de conquistar?
O responso vinha a bailar depois de refletir:
Fora a rota interior entre o Mar e outro
Mar!!!...

CANTO III : O INTERIOR

3. Perlustrando a Terra Mato-grossense

Quiseram os deuses do Olimpo
Que Aleixo Garcia com suas passadas
Fosse o primeiro a descerrar o véu
Das terras d'oeste tão sonhadas
Pela rota do Peabiru c'os ventos rugindo

Trovões ferros ecoando no céu
D'água salgada do ocidente caindo
N'água doce do Paraná Grande seguindo

Da beira do mar onde já vivia
Cinco lustros após o descobrimento
Veio o português - Garcia
Pelas bandas d'oeste rumo tomando
As mesopotâmias interior vencera
Na Serra de Maracaju se embrenhando
Pisou firme solo fecundo da Vacaria
Do gado nativo aí se abastecera

Com mais quatro camaradas e índios
Paraguai subindo até a foz do Embotetei
Hoje Miranda - o Porto Itatim fez nascer
Seguiu por Lambaré^{II} ao Império Inca
Acendendo a luz do sertão e a dos Pincaros
O selvagem quando voltava o faz perecer
Gravando na história desta terra bravia
Embora morto o vínculo da primazia

Outros Adelantados vieram com força de
vez
Pela mesma via : Cabeza de Vaca - o notável
Pelo oeste Juan Ayolas de Lambaré
fundador
E Nuflo Chaves de Santa Cruz o criador
Na União das Coroas de Espanha e Portugal
Ruy Dias Melgarejo funda no imenso tribal
À margem do Uacogo - o Aquidauana
A cidade de Santiago de Xerez!

CANTO III : O INTERIOR

4. Santiago de Xerez

Acorda misteriosa Xerez Acorda
Violenta o silêncio dos séculos
Que encobre o sossegado pó

Do desassossegado tempo que te criou
Ensina a cada índio a tua valentia
Conta-nos a riqueza do teu existir
Nas águas do Uacogo ou Embotetei^{III}
Ou nos belos ricos campos de Jaguary

Responde velha Xerez Responde
Que grande enigma se esconde
Na luta do colonizador vivido
No tórrido sol de teus campos
N'água tépida de teus banhados
Às sombras cálidas das aroeiras
Nas curvas lentas do caudaloso rio ou
Nas arquipedras de teus morros santos
Viva Santiago de Xerez Viva
Revela-nos tua face de glórias idas

Tuas alegrias conquistas e tesouros
Deixa que nos orgulhemos de ti
Primeira cidade deste sertão d'Oeste
Maior que o Rio de Janeiro de então
Na era seiscentista criada
Com o fundo veio d'ouro das jazidas

Responde lendária Xerez Responde
Do fundo da terra que te encobriu
Onde estão Escolas Igreja e moradias
Dos quatro mil índios da Nação Chané

Pelo jesuíta audaz catequizados
Os quinhentos europeus Respondam
Por tudo quanto fizeram com fê

Em serena paz Sejam Louvados!

CANTO IV - A CENTÚRIA SETECENTISTA

1. As Contendas

Os ventos hórridos do violento deus Eolo
Sopraram com ímpeto neste solo
Entre índios se espalhando a fúria
Dos Ibéricos que fizeram destes prados
Seu campo de batalha para dominar
A conquista da terra em fogo acendida
Erguendo mais que a própria vida
O troféu imponderável do poder

O caminho do Peabiru lacrará-o Thomé
Em seu portal erguera Nóbrega glorioso
O Paço do Colégio ousado
Sinal de fé e de fim às contendas
Pelo culto à vida por inteiro
Fazendo crescer o espírito do guerreiro
Na procura de outra era e nova via
De penetração que fosse também a da
salvação

O chão fértil e iracundo da Vacaria
Fora substituído pela rota das águas
Mesopotâmias fantásticas do Paraná e
Paraguai
De numerosas veias encachoeiradas
Conduziram céleres o luso audaz
Em suas pluris seculares canoas

Flutuantes entre a esperança e o receio
De vencer ou morrer ante o florente ideal

CANTO IV - A CENTÚRIA SETECENTISTA

2. O Protesto do Colonizador

A Centúria Setecentista fora tão perversa
Ao colonizador que por Vieira ^{IV}
Do púlpito baiano disparou como trovão :
"Parece-nos bem Senhor isto?
Que sejam eles os prosperados
E nós de vossas mãos os deixados
Nós o despojo de vossa ira
O exemplo de vossos rigores?"

Tempo de opressão terror grilhões
Cingem não só o Oeste mas a Pátria
E Vieira em famoso sermão protesta :
Que devemos pedir mais necessário
Senão que nos liberteis desta escravidão
Não hei de pedir apenas pedindo
- Protesto a Liberdade!
"Que não pede favor senão Justiça!"

Vossa mão Senhor que venceu nações
Que sujeitou as terras as gentes e reis
Não co'a força do braço nem a espada
Mas a virtude de vossa destra onipotente
Vossa luz e supremo beneplácito
Sejam o lume a nos tirar da escuridão
Do abismo sem rumo quase perdido
Desta infame guerra de Castela - ambição

Por esta flama altíssima iluminados
Homens ergueram-se predestinados
Em defesa da terra desfraldando
Bandeiras impávidas impetuosas
Que penetraram o sertão audaciosas
Vingadoras dos sofridos confrontos vários
Excluindo os algozes da Pátria humilhada
Ao fazer esmorecer os contrários

CANTO V - O BANDEIRISMO

1. Os Bandeirantes

Bandeirante da minha pátria
Ao desfraldares a bandeira de conquista
Creste no horizonte de nossa grandeza

Na pista da proibidade paulista
Posta na historiografia do Brasil

Bandeirante de nossa terra
Forte rijo bravo descobridor
De roteiros enigmáticos
Com avanço de precisão
Fizeste aflorar em todos os cantos
Colonizadoras vias de penetração
Com o índio explorando a riqueza
Pagando co'a própria vida sua afoiteza

À decisão régia saíram as Bandeiras
Afloraram no litoral as primeiras
São Vicente Salvador Rio de Janeiro
O futuro aos poucos foi nascendo
Das passadas gigantescas e duras
"Calções de couro" audazes criaturas
Paulistas nascidos com sangue luso
Correndo em mestiças veias mamelucas

Que sabemos dos homens das Bandeiras?
Sobre-humanos predestinados
Fundiram as raças como barra de ouro
Os Lemes os Pires os Raposos
Míticos lendários heróis do sertão
Abriram o mapa voluntarioso
De norte ao sul de leste ao oeste fundando
No Cuiabá o nosso passado glorioso

CANTO V - O BANDEIRISMO

2. O Monçoneiro

Desde o Tietê até ao Cuiabá
A força d'água pelo peito arrostando
Itaipava corredeira ou cachoeira
Vencera-as o Monçoneiro
Bandeirante do rio doce valoroso
Deus das águas o ouro buscara
Coração enfunado pelo ar fogueiro
Da exuberância da terra se alimentara

Vadeando pelos rios afora
Sem quilha sem leme sem vela
O frágil casco de pau flutuando
No Jupuíá mão forte nos remos
Pra transpor dos redemoinhos o terror
Lá de cima dentro de si mesmo caindo
O salto Avanhandava majestoso
Explode d'água a terra sacudindo

À maneira de um gigante que respira
O sorvedouro central se agita
Ora atrai as águas ora as vomita
Ondas semelhantes as do mar
Se levantam sôfregas violentas iradas
Tentando a embarcação derrubar
O Proeiro comanda no compasso
Dez remadores na força do braço

Sucedem-se duzentas manhãs sem temor
Tietê acima Paraná abaixo com fragor
Anhanduy Pardo dos fenícios a arte
repetindo
De contemplar todas as estrelas no céu do
Coxim Taquari Paraguai subindo
São Lourenço Cuiabá chegando
Eis a nova rota d'ouro se esboçando
No mapa por Pascoal Moreira Cabral
Leme

CANTO V : O BANDEIRISMO

3. Descoberta d'ouro do Cuiabá

Festivo dia oito de abril de 1719
Conta Manoel dos Santos Coimbra^v - o
escrivão
Brindaram os deuses aclamando Pascoal
Que seis anos pelo sertão andara
No Real Serviço de Colonizar
Do Tietê ao Paraná do Paraguai ao Guairá

Ao fim de cento e vinte dias a navegar
Descobre ouro e funda Cuiabá

"Descobri nas cabeceiras do Cuiabá
Um ribeiro chamado Coxipó
Com muitos dotes d'ouro" dissera Pascoal
Ali sentamos acampamento com ardor
Os sessenta homens brancos e escravos
N'águas cristalinas reluzira o metal
Fazendo tremer de vida toda a Monção
O reino do gentio vibrou de pura emoção

Ao longe um monte redondo de luz
O sol as estrelas brilhando nos céus
Nas palmáceas o trinado do sabiá

A Verde Cidade - Cuiabá nascera
Pascoal solene por Coimbra lavrando
Ata de Fundação assinada co'os
companheiros
Os Moreira os Roiz Garcia Velho os
Ferreira
Os Ribeiro os Godoi Pedroso e os
Mendonça

Vênus presidira com luz azul tal estação
Em melancólico sorriso que a
Marteencantara
Ali na forquilha do Cuiabá em berço d'ouro
Os sonhos de corajosos homens embalara
Com tanto brilho que as lavras lhes deram
Quando surgiu Miguel Subtil vindo do reino
Sentando morada mais acima na atual urbes
Mais ouro que mel o nativo lhe revelara

CANTO VI - O CICLO DO OURO

1. O Sertão e o Primeiro Governo

O mágico sertão é um paraíso em flor
Estrelas todas e o luar ali cintilam
Raios de sol aquecem a imponência do dia
Pelas chapadas e planícies velozes
Bandos de emas veados macacos
Turbulentas araras mil pássaros em cor
Quebram o silêncio tingindo de púrpura
O azul do céu refletido nos rios e pantanais

A riqueza é paixão que atrai o homem
Quais peixes em piracema^{IV} subindo
Vão chegando com as Monções
Trazendo gente aos borbotões
O militar o padre o juiz o explorador
Cada qual em seu reino reinando
Fecundam a terra e nela erguem morada
Cuiabá se agita no berço dourado

Reinava em Portugal D. José I
O Reformador- que nos manda
Rolim de Moura - primeiro governador
Viera com elã e o agulhão na mão
A ver os limites da Província colossal
Assentando os rumos e as distâncias
Até o Guaporé ali fundando Vila Bela
De Mato Grosso a longinqua capital

D. Rolim - Conde de Azambuja - grande
fidalgo
Pelos cumes das serras e álveos dos rios
Vai fixando limites e direção elegendo
Olhando não só para o presente
Mas o futuro grandioso prenunciando
Ao devassar com fé Mato Grosso inteiro
Despovoado e incógnito até então

Primeira Igreja em Vila Bela foi erguendo

CANTO VI : O CICLO DO OURO

2. Época Áurea Albuquerqueina

Canto o soberbo Midas - deus do ouro
E à memória de Luis d' Albuquerque
Messiânico nobre-lusitano da Beira Alta
Capa Preta em Coimbra
Ao sertão enviado para instruir as gentes
E às lavras brilhar
Com gênio um sonho fez construir
E as raias do gigante Mato Grosso - unificar

Fala Luso-Tropical: tua voz é de ouro
Viveste tua vida neste sertão
Refinada cultura europeia cá deixaste
Ouro espiritual dos mato-grossenses
És herói de batalha sem nome
Introduziste no espírito do homem
O medalhão apurado da lingua costumes e
arte
E o carisma da crença lusitana

Corumbá Ladário Cáceres e Poconé
mandou fundar
Pelo Mestre de Campo General
Patrono dos Figueiredo - Antonio José
Erguendo no extremo norte - O Príncipe da
Beira
Marco de glórias às margens do Guaporé
E nas belicosas curvas mansas do rio
Paraguai
O inexpugnável monumento do século
d'ouro - Muralhas de Coimbra - de imensa
audácia e Fé

O faustoso tempo Albuquerqueino formou
Com bravura o mato-grossense genuíno
Fruto da união do pacificado e guapo
Guaicuru
Esta brava gente da planície infinda do
Pantanal
Que ao heróico bandeirante monçoneiro se
aliou
Plasmando-se a identidade das gentes
E o sol da graça de Deus a iluminar os
Confins
Do Xaraé à Vacaria do Xingu ao Guaporé...

CANTO VII - A DEFESA DA TERRA

2. Forte de Coimbra : Monumento à Brasilidade da Terra Mato-grossense

I

Celebrado o dia o Rio Majestoso trazia
A Ilha do Coração em seu meio festejada
Lua redonda de espanto de arco-iris
tingindo
Suas formosas águas quando ao pé do
Morro chegava
Mathias Ribeiro - fundador daquela
bastilha
O Guaicuru audaz que servira-o de guia
Dissera-lhe que ali devia seu mandado
cumprir
E não no Fecho dos Morros que outro não
havia

Sentinela avançada da fronteira Oeste
O bi-secular Forte - orgulho brasileiro
História consagrada da resistência colossal
Do gigante mato-grossense colonial
A terra de telurismo em meandros sinuosos
Recortando nas águas belicosas do rio
Paraguai
Trepidantes episódios vai a descrever
A cada novo raiar nova conquista alcançar

Naquela vastidão imensa da planície
pantaneira
Domínio pré-histórico do poderoso
Guaicuru
Intransigente suas terras iradas sacudiam
Enganando o indômito colonizador
monçoneiro
Que capitulou diante de mordaz armadilha
De sagazes índias a aqueles homens
Por elas seduzidos para serem vencidos
No cenário da paliçada do Presidium^{vii} de
Coimbra

Mas a coragem e o ideal do Colonizador
não fenecem
Por vezes quer desanimar mas vai em
frente
O Guaicuru seja homem ou mulher luta
bravamente
No confronto daquelas forças dispare
porém sagradas
Uns defendendo senhoriais terras
Outros no mister de vencer com
humanidade as gentes
Do Novo Mundo tão fero e esperançoso
Quão belo e esplendente sua natureza virgem

Notas

* Diretora Presidente da Casa da Memória "Arnaldo Estevão de Figueiredo, com sede em Campo Grande (MS), instituição que abriga, preserva e organiza fontes documentais de suma importância para a História de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, além de conter o acervo pessoal do Patrono da Casa, o mato-grossense, Arnaldo Estevão de Figueiredo.

ⁱ - Adamastor - Gigante dos Mares - figura mítica camoniana - Canto V Lusíadas

ⁱⁱ - Lambaré Assunção - Capital do Paraguai

ⁱⁱⁱ - Jaguary - Llânos de Jaguary, como os espanhóis chamavam a região da Vacaria, hoje Município de Maracaju, MS

^{iv} - Vieira, Padre Antonio Vieira - nascido em Lisboa/Portugal. Sacerdote de muitos méritos espirituais, e um dos maiores escritores e oradores sacros da língua portuguesa. Trecho extraído do sermão "Pelo bom sucesso das armas de Portugal" (1640), considerado um dos mais veementes e extraordinário que se tem ouvido em púlpito cristão.

^v - Manoel dos Santos Coimbra - Ancestral desta autora, por ser o pai de Isabel Nobre Pereira, que casou-se em Araraitaguaba, hoje Porto Feliz - SP, com Antônio José Pinto de Figueiredo, patronos da frondosa árvore dos Figueiredo em Mato Grosso.

^{vi} - Piracema subida do peixe nos rios do Pantanal para as vertentes em busca da desova.

^{vii} - Presidium - Nome com o qual foi fundada a fortificação de Coimbra, em 13 de setembro de 1775.